

A Educação como prevenção ao fim da Arte

Ana Gabriel¹

Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico do Porto

RESUMO

Este artigo propõe-se a refletir como a Educação pode evitar o Fim da Arte. O principal método de estudo passa pela abordagem de dois autores, usando as suas perspetivas como ponto de partida para a apresentação de uma teoria sobre o Fim da Arte. Recorreu-se, pois, a Anne Cauquelin e Boris Groys. Cauquelin apresenta duas premissas fundamentais: a emergente perspetiva da Arte Contemporânea, o modo como se torna um sistema de definição de estatutos sociais, criando um distanciamento entre o público e a arte. Groys apresenta duas premissas complementares, o surgimento do ativismo na arte e o desenvolvimento da arte na Internet. Expõem-se o modo como o ativismo na arte é protagonizado nos dias de hoje, assim como, a questão da falta de consenso sobre a arte na Internet.

Na sequência da enunciação dos diferentes autores, é partilhada uma teoria explicativa do fim da arte, utilizando como ponto de partida os autores citados.

Acompanhada deste momento de reflexão, apresenta-se o modo como a Educação pode colocar um término ao fim da arte. Este momento consiste numa proposta de métodos como a arte pode ser inserida na educação, no contexto educativo, dentro/fora da sala de aula.

Palavras-chave: Arte; Fim da Arte; Educação; Ativismo; Prevenção.

ABSTRACT

This article aims to reflect on how Education can avoid the End of Art. The main method of study involves the approach of two authors, using their perspectives as a starting point for presenting a theory about the End of Art. We therefore turned to Anne Cauquelin and Boris Groys. Cauquelin seeks to present two fundamental premises: the emerging perspective of Contemporary Art, the way it becomes a system for defining social status, creating a distance between the public and art. Groys presents two complementary premises, the emergence of activism in art and the development of art on the Internet. The way in which activism in art is carried out today is exposed, as well as the issue of the lack of consensus about art on the Internet.

Following the statements of the different authors, an explanatory theory of the end of art is shared, using the aforementioned authors as a starting point.

Accompanied by this moment of reflection, we present how Education can put an end to the end of art. This moment consists of a proposal for methods by which art can be inserted into education, in the educational context, inside/outside the classroom.

Keywords: Art; End of Art; Education; Activism; Prevention.

1. A perspetiva de Anne Cauquelin sobre a Arte contemporânea

A presente alínea, destina-se, não a estudar o que é a arte contemporânea, mas sim as conotações que envolvem esta, tomando por base a obra *Arte Contemporânea, uma introdução* de Anne Cauquelin (2005). Segundo a autora, a arte contemporânea, é uma afluência constante de informação e de representações, onde o espectador tenta compreender aquilo que assiste, procurando lhe dar uma justificação, sobre porque a representação ser assim apresentada, mas quando consegue, procura se centrar naquilo que vê, passo citando a autora, “observa tudo o que lhe é apresentado para tentar aplicar um julgamento estético, ou, na

¹ Endereço de contacto: 3210355@ese.ipp.pt

falta dele, pode pelo menos se “se encontrar”” (Cauquelin, 2005, p.9). A esta premissa, a autora adiciona uma segunda ideia, ainda sobre o público, focando-se no modo como o público interage e reage à Arte Contemporânea. O público é constantemente confrontado com a ideia de que, o entendimento da arte, equivale a um estatuto social elevado, como se a cultura estivesse destinada a um parâmetro social em específico, tratando-se de uma ideia pré-concebida. Cria-se, portanto, uma mistificação em volta do termo arte, cultura, dando-lhe uma conotação incorreta, assinalando a autora: “É PRECISO ter visto a exposição do Van Gogh. É PRECISO ter ido ao Museu Picasso. O rito iniciático doloroso consiste em intermináveis filas de espera, o preço a pagar para se sentir culto” (Cauquelin, 2005, pp. 10-11) Nesta frase, a autora critica a mentalidade contemporânea, onde a arte é um luxo, a cultura é um luxo, que só pode ser dado às elites, quando na verdade a arte é de todos. Assim como se adiciona uma nova premissa: ‘se eu fui a determinado local, com determinado valor cultural, eu tenho mais estatuto social que outros indivíduos, tornado a arte um meio de subir na escada social e não, na escada cultural, por aumento do conhecimento do indivíduo’. A esta ideia, deve-se acrescentar uma premissa, defendida pela autora, sendo ainda uma situação crescente no mundo da Arte Contemporânea. O seu preço e a sua quantidade, sendo quase que usada como um material de luxo, provocará que a arte se afaste do indivíduo, “as obras, (...) são cada vez mais numerosas, os museus, as galerias crescem e multiplicam e a arte não esteve tão afastada do público” (Cauquelin, 2005, p. 13). O intuito desta afirmação é apontar a grande desvantagem da arte contemporânea, a sua produção massificada, nem sempre com o intuito de criar, mas em determinados casos, como um fundo econômico. É importante criar um distanciamento entre colecionar obras de arte e colecionar elementos de luxo. Esta visão pejorativa de que a arte contemporânea é um elemento de luxo, que só é destinada às elites é errada, só cria um afastamento entre o público e a arte, apontando para a tese do fim da arte. Colecionar arte como forma de deleite pessoal é um ponto, colecionar arte pelo estatuto social é algo completamente oposto. Estando assim apresentada uma das premissas, que a meu ver explicam o possível fim da arte, quando a cingimos a um grupo social, estamos a limitar os seus acessos, levando ao seu fim. No ponto 3 da presente comunicação será abordado o modo como a educação poderá ser um meio de solução ao fim da arte.

2. O ativismo na Arte segundo Boris Groys

Na sua obra *In the Flow* de Boris Groys (2018), o autor analisa diversos temas relativos à arte, porém, procuro centrar em dois, o ativismo na arte e a arte na internet, servindo-me destes para explicar as duas restantes premissas que explicam a teoria que procuro expor sobre o fim da arte e o modo como a educação poderá ser a solução. Segundo o autor, o ativismo na arte, inicialmente era usado para mudar os conceitos sociais, as suas premissas. Porém, nos dias de hoje ativismo e arte tem-se misturado, não funcionando par a par, visto que neste momento, de facto existem artistas que usam a arte como canal de comunicar as suas opiniões, porém existem indivíduos que a destroem para chamar a atenção para os problemas ambientais, não sendo a melhor abordagem.

Retomando o pensamento de Groys, este defende a tese de que, nas primeiras representações de arte com fundo político ou ativista, os artistas procuravam dar voz a diversas causas, procurando as solucionar com recurso à arte. Estas causas poderiam ser desde aspetos políticos, económicos, ambientais, mas também, o próprio sistema artístico em si, passo citando:

The art activists do not want to merely criticize the art system or the general political and social conditions by means of art- not so much inside the art system as outside it, that is, change the conditions of reality itself. Art activists try to change (...). Groys (2018, p.38)

Reforce-se a ideia, recorrendo de novo às palavras do autor, “Art activists want to be useful, to change the world a better place- but at the same time, they do not want to cease to be artists” (Groys, 2016, p.38). Apercebe-se ter sido concluída a exposição anterior, onde o autor; mostra o modo como estes artistas procuram mudar os canais mundiais, sem serem vistos como artistas, mas sim artistas-ativistas.

O autor analisa ainda um outro campo sobre a Arte, a Arte na Internet. A internet nos últimos tempos tornou-se o local primário para a distribuição artística, desde o campo plástico até ao artístico. Este espaço é

libertador para muitos artistas, visto que, “the internet is not as selective- or at least it is much less selective than the museum or traditional publishing house” (Groys, 2016, p. 133).

A partir desta afirmação retiram-se duas conclusões, que a *internet* é um espaço de fuga para os artistas, que se sentem livres das pressões artísticas impostas pelo mundo da arte. E a falta de diretrizes a definir o que pode ser arte, o que levanta um conjunto de questões, que se tornam transversais tanto dentro, como fora da internet, “Why do some artworks get into the museum while other artworks do not? Why some texts get published and not others” (Groys, 2016, p.133).

É um facto concreto em que existem perceções pré-concebidas sobre o que deveria ser arte, “A work should be good, should be beautiful, inspiring, original, creative, powerful, expressive, historically relevant. (...) However, these theories collapsed because nobody could persuasively explain why one artwork is more beautiful, original, etc than the rest” (Groys, 2016, p.133).

“O que é arte?”, é uma interrogação dúbia que o campo da Estética procura responder, sem sucesso, pois ainda não se encontrou um critério conciso e transversal para definir a arte, porque a arte é um espectro. Facto posto, no meio da internet, não existe a preocupação, sobre se este determinado elemento estaria ou não num museu, numa galeria, a única verdadeira preocupação que atravessa, talvez seja, “gosto daquilo que vejo?”, “concordo com as ideias?”, estas questões, especialmente a segunda, compreende-se muito no universo da arte ativista.

Consequência das considerações formuladas, configuram-se as duas premissas restantes para explicar a minha defesa do fim da arte. Ao destruímos e ao cingirmos os seus canais de divulgação, estamos a colocar um fim a esta. Assim como a limitar o seu acesso e divulgação, o que também leva á sua limitação e restrição.

3. A narrativa do fim da arte segundo Arthur Danto

Arthur Danto, na sua obra *Após o Fim da Arte, A arte contemporânea e os limites da história*, que surgiu em 1996, em consequência de uma conferência marcante, onde o autor defende que a arte terá terminado na década de 1960. Numa fase inicial, o autor procura justificar o título do volume, onde a sua comunicação fora indexada, estando intitulada de *The Death of Art, A morte da Arte*. Arthur Danto, ocupou-se de defender a sua perspetiva onde esclarece que, o que procura abordar é o fim de uma narrativa, não o fim total da arte.

O título não era meu, visto que eu estava escrevendo sobre uma forma de narrativa que, assim eu pensava, havia sido objetivamente se completado na história da arte, e era essa narrativa, pareceu-me, que havia chegado a um fim. Uma história havia acabado. Não era meu ponto de vista que não haveria mais arte, o que certamente significa “morte” (...). (Danto, 1960 p. 7)

No seguimento do curso normal da obra e do seu objetivo principal, o autor apresenta a sua perspetiva em relação á arte contemporânea. Defende que a arte contemporânea, não tem nada a contrastar com a arte do passado, onde não eleva o sentimento de que a arte do passado seja algo que necessita de libertação, nem que é necessária a mudança e criar uma quebra nas perspetivas. A sua ideia tem continuidade numa abordagem prática, recorrendo a uma análise sobre a sua visão da museologia e dos espaços em corelação com as apresentações contemporâneas.

O seu discurso enaltece a forma como, os artistas contemporâneos colocam e dispõem do espaço, usando-o como depósito de elementos sem conexão física ou significativa entre si, sem qualquer explicação do seu executante criador, “exposições de objetos sem qualquer conexão histórica ou formal entre eles, a não ser aquela fornecida pelo artista”. Esta falta de informação ou explicação direta ou indireta, só leva ao afastamento do público da arte, narrativa esta, já explicada na visão de Anne Cauquelin.

4. O Fim da Arte

Para um melhor entendimento das propostas que irão ser feitas, considero relevante a apresentação da teoria do fim da arte. Considero que, sim, pode haver um fim da arte, a partir do momento em que a destruímos,

limitamos os seus canais e a cingimos a um grupo social. Ao longo do próximo capítulo irei defender a minha tese, recorrendo sempre aos autores que apresentei.

Iniciando esta reflexão com a minha perspetiva de ativismo artístico, sendo coincidente com a tese de Groys, onde a arte ativista surgiu para mudar os pressupostos mundiais, recorrendo às representações artísticas. Aqui entra a minha primeira situação de fim da arte, a partir do momento que deixamos de usar as representações como ativismo, e passamos a destruir arte, aí acaba todo o simbolismo que existia. No momento em que projetam latas de tomate a obras em defesa dos direitos climáticos, ou derrubamos estátuas de colonizadores estamos a destruir a arte. Analisando a primeira situação, já são vários os casos em que ativistas climáticos destruíram obras de arte, em defesa da tese, “O que é mais importante a arte ou o Clima”, esta premissa e ato não tem qualquer fundamento, estar a destruir obras não é dar visibilidade aos problemas climáticos. Fica a restar a questão, de que forma se pode realizar ativismo na arte, a resposta que encontro passa por duas fases. Primeiro não destruir a arte existente, segundo encontrar os canais ideias, como arte de rua, arte digital, formas de arte que transmitam uma crítica ou um problema já existente, não tem de ser somente pinturas, pode ser música, escrita, cinema, dança, a lista continua.

Passando para a premissa sobre a limitação dos canais artísticos. Ao limitarmos a nossa ideia de que, a arte só se encontra nos pontos que adotamos como, locais de apresentação e receção de arte, como o cinema, o teatro, galerias e museus, estamos a deixar morrer todo um mundo de arte que vive na internet, filmes independentes, vídeos de arte performativa, escritores que não foram aceites por editoras e recorrem à internet para expor as suas obras, os casos são inúmeros, temos de desmistificar que a arte só está no físico. Por fim, resta analisar a terceira premissa, a limitação da arte a um grupo social. Temos de desmistificar que só as elites são merecedoras de ter acesso a museus e galerias, assim como, serem vistas como entendedoras do que é arte. Qualquer indivíduo pode frequentar um espaço cultural, não existe nenhum requisito para usufruir do mundo da arte. A perspetiva que se cria, especialmente em redor da arte contemporânea, como se fosse um elemento de luxo, que se compra somente para expor. A Arte não é um elemento de luxo, é algo para ser apreciado e em muitos casos, colecionado por aspirantes e interessados no assunto. Esta situação cria um grande distanciamento dos espectadores e do mundo artístico, esta situação pode levar ao fim da arte, assim como, a falta de entendimento daquilo que se encontra exposto não ter uma relação entre o que é a forma física e aquilo que é interpretado, só vai colocar o espectador numa posição de desinteresse perante aquilo que observa.

Tal como todas as teorias filosóficas, a minha perspetiva de fim da arte também é refutável, por isso ao longo do restante capítulo, irei refutar a minha própria teoria. Antes de mais. Relembrando a tese já apresentada, considero que sim pode haver um fim da arte, a partir do momento em que a destruímos, limitamos os seus canais e a cingimos a um grupo social.

Passando assim a refutação, das diferentes premissas apresentadas. Começando com a primeira, “a partir do momento em que a destruímos”, a premissa de facto é um espaço aberto, o que também, pode não ser positivo, ficando a questão, de que modo a arte é destruída, abrange o campo físico ou se passa para o campo interpretativo das obras; ainda nesta premissa, podemos apresentar, quais formas de arte vão acabar, são todas ou só algumas em específico. Analisando a segunda premissa, “limitamos os seus canais”, que canais são estes que estamos a limitar, que outros canais podem existir e não estão a ser abrangidos, já que nenhum é apresentado em concreto; por fim, resta refutar a terceira premissa, “cingimos a um grupo social”, que grupo social é que está a ser privilegiado no acesso à arte, e qual grupo social, estão a ser retirados os acessos a esta.

5. A educação como solução ao Fim da Arte

Feita a apresentação dos diferentes autores, será assim possível apresentar uma explicação sobre a minha visão do fim da arte, assim como, a educação poder ser um fator essencial para colocar um travão a esta premissa. A teoria que procuro apresentar é: considero que, sim, pode haver um fim da arte, a partir do momento em que a destruímos, limitamos os seus canais e a cingimos a um grupo social. Perante esta teoria considero que sim, a educação pode ser um elemento fulcral para evitar que a arte acabe por ter um fim. Ao longo deste capítulo irei apresentar como a educação pode ser o elo que necessitamos.

Anne Cauquelin, mostra-nos a perspectiva que a arte contemporânea está a adquirir, tornando-se num mundo somente de colecionismo com o intuito de se adquirir um estatuto social. Esta não é a mensagem que devemos passar, mas sim de que a arte é para todos, não devemos afastar a arte das comunidades, mas sim, unir as comunidades à arte.

Boris Groys, procura nos apresentar o que realmente é fazer ativismo através da arte, servindo de modo de comunicação e de reivindicação, que atualmente é o oposto daquilo que era suposto, refiro-me aos diversos incidentes com latas de tomate atiradas a obras de arte. Apresenta-nos ainda o surgimento da arte na internet, e o modo como esta não deve ser excluída do mundo da arte.

A educação não parte somente das nossas famílias, mas também das escolas, por isso lanço o desafio aos emergentes educadores, que alarguem o programa curricular, incentivar a criação de programas extracurriculares sobre a arte, criar turmas de teatro, oficinas de pintura, turmas de dança criativa (fundamental para estimular as crianças e a sua criatividade), não cingir estes programas ao ensino pré-escolar, mas alargar durante todo o percurso de escolaridade obrigatória. Vai ainda permitir acabar com a crença geracional de que a arte é inútil. Esta ideia também é aplicável ao programa escolar, associando visitas a museus tendo por base a temática lecionada, articulando assim uma aprendizagem mais rica e aliada à cultura, permitindo que a cultura faça parte do crescimento dos indivíduos. Possibilitar ainda a criação de valores de cidadania sobre a arte, sobre o seu valor e importância.

Daqui podemos ainda desmistificar outras premissas. A educação pode desmistificar as elites, criando uma ligação dos indivíduos com o mundo artístico desde cedo, permitindo que cresçam ao lado do mundo cultural. A educação pode educar os indivíduos em valores cívicos, como podemos usar a arte para nos expressar e não existe necessidade de a destruir, para apresentar um ponto de vista ou uma reivindicação. Incutir que a arte surge nas suas mais diversas formas, que todos a podemos criar e acima de tudo, usufruir dela.

6. Considerações Finais

Concluída a escrita deste artigo, podemos concluir que a arte pode ter um fim, especialmente se continuarmos com determinados comportamentos perante as criações artísticas. Apoiada nos textos de Anne Cauquelin e de Boris Groys podemos observar que a arte está a entrar numa nova fase. Anne Cauquelin, com a massificação da arte contemporânea e Boris Groys com a explicação do surgimento do ativismo na arte, recorrendo à arte como canal de expressão. Boris Groys preocupa-se ainda de detalhar o início da experiência da arte na internet, o seu ponto de situação, durante a escrita do livro *In the Flow*.

Com base nestas fundamentações foi possível construir uma possível premissa sobre o fim da arte como também, apresentar um modo de evitar este cenário. A educação. No decorrer do artigo, é apresentado o modo como a educação pode ser fundamental para colocar um travão ao fim da arte. Apresentando diversas propostas de como a educação pode intervir de forma eficaz em anular a causas do fim da arte, mitigando ainda as suas consequências.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais. Por nunca terem colocado um travão nos meus sonhos e nos meus objetivos. Por me terem permitido crescer no redor de liberdade, música e livros. Aos meus amigos, que celebram comigo as minhas vitórias e ajudam a superar as derrotas. Por fim, aos meus Professores, em especial à Professora Fátima Lambert, sem ela nunca teria dado início a este percurso. Um eterno obrigado.

Referências

- Cauquelin, A., & Rejane, J. (2005). *Arte contemporânea: Uma introdução*. Martins.
- Danto, A. C. (2006). *Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história*. EDUSP.
- Groys, B. (2018). *In the flow*. Verso Books.